

ROSEANE ARCANJO PINHEIRO:
**JOSÉ LOUZEIRO E FERREIRA GULLAR: JORNALISMO,
OUSADIA E LUTA PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO⁷⁸**

*Jornalista, mestranda em Comunicação Social (Universidade Metodista de São Paulo) integrante da Coordenação do Projeto Memória Maranhão –Imprensa 200 Anos e da Rede Alfredo de Carvalho – Construindo a Memória e Preservando a História da Imprensa no Brasil
roseane_arcanjo@yahoo.com.br*

RESUMO: A liberdade de expressão no Brasil foi ameaçada em determinados momentos do século XX frente às mudanças nos panoramas políticos, econômicos e sociais. Os jornalistas brasileiros conviveram com censura, perseguições e prisões. Para elucidar posturas, estratégias e bandeiras desses profissionais sob um regime autoritário, investigaram-se as trajetórias de José Louzeiro e Ferreira Gullar, maranhenses atuantes no jornalismo e suas contribuições para a consolidação dessa prática profissional. Louzeiro desbravou o jornalismo policial através dos livros-reportagens durante a ditadura militar, quando denunciou as mazelas sociais e as contradições da sociedade brasileira; Gullar destacou-se pela visão crítica aguçada, a militância no jornalismo alternativo nos anos 60 e 70 e a defesa da cultura brasileira. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, cujas principais conclusões remetem às formas de resistência adotadas pelos jornalistas com o objetivo de defender a liberdade de expressão em um contexto de opressão e arbitrariedade.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade de Expressão; Jornalismo; Jornalistas; José Louzeiro; Ferreira Gullar; Brasil.

ABSTRACT: The liberty of expression in Brazil was threatened in several moments in century XX facing the changes in politics, economic and social scenario. Brazilian

⁷⁸ Comunicação apresentada à Coordenação do GT de História do Jornalismo do IV Encontro Nacional de História da Mídia, ocorrido em São Luís-MA de 30 de maio a 2 de junho de 2006.

journalists lived together with censorship, prosecutions and arresting. To solve postures, strategies and defenses of these professionals under authoritarian regime, the lives of José Louzeiro and Ferreira Gullar were investigated, maranhenses working in journalism and their contributions for the consolidation of this professional practice. Louzeiro opened the police journalism through report-book during the military dictatorial ship, when denounced the social differences and the Brazilian society contradictions: Gullar was highlighted for his acute critical vision, the militancy in alternative journalism in the 1960 and 1970's years and the defense of Brazilian culture. There was performed a qualitative research, of exploratory means, which principal conclusions take to the resistance ways adopted by journalist aiming to defend the liberty of expression in a context of oppression and arbitraries.

KEY WORDS: Liberty of Expression; Journalism; Journalists; José Louzeiro; Ferreira Gullar; Brazil.

1. INTRODUÇÃO

A ruptura institucional, representada pelo golpe militar de 1964, impôs ao país um novo momento político, marcado pela arbitrariedade, defesa do capital internacional, combate às forças oposicionistas e defesa dos interesses políticos dos novos núcleos de poder (SKIDMORE, 1988, p. 45). Essas são medidas regidas pelo direcionamento político do governo militar, gestado na Escola Superior de Guerra (ESG), e que se cristalizou na Lei de Segurança Nacional, instituída em 09 de março de 1967.

Nesse panorama político, a imprensa brasileira, segundo BREGUÊS (1978, p.145-146), sofreu transformações quanto ao estilo de jornalismo e à mensagem veiculada, sob forte influência de uma legislação coercitiva e de investimentos estrangeiros, geradores do processo de desnacionalização da imprensa brasileira. Frente às pressões desse contexto, os profissionais da imprensa brasileira foram presos, ameaçados e censurados: no período militar 15 jornalistas foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional e entre 1970 a 1979, os principais veículos de comunicação sofreram censura sistemática nas redações (ARNS, 1986: 146).

Para descortinar os posicionamentos, as bandeiras e as estratégias que os jornalistas brasileiros adotaram durante o regime autoritário brasileiro, entre 1964 a 1985, estudaremos as trajetórias de Ferreira Gullar e José Louzeiro, jornalistas maranhenses que se mudaram para o Rio de Janeiro na década de 50 e fizeram carreira nos principais veículos impressos brasileiros. Tendo como ponto de partida as histórias desses profissionais, que prestaram relevante contribuição para o jornalismo, a cultura e a literatura no país, poderemos apreender a relação intrincada entre as experiências profissionais no campo jornalístico e o contexto de repressão governamental com amparos jurídico e político. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, a partir do levantamento bibliográfico e de entrevistas publicadas com os jornalistas Ferreira Gullar e José Louzeiro.

Compreendendo que o ofício do jornalista pauta-se pelos fatos que interessam ao seu tempo e à sua sociedade, a instalação de um governo ditatorial altera profundamente sua atuação e sua produtividade. Dessa forma, o profissional esboçará atitudes no sentido de ora resistir ora se acomodar às ordens dos governos repressivos, determinando assim os contornos da mensagem jornalística que chegará aos seus leitores, telespectadores ou ouvintes. Para JOBIM (1992, p.28):

O jornalista move-se na realidade de 'hoje'. Não é um historiador que, no seu gabinete, pesa os fatos e lhes extrai a lição para a posteridade. O jornalista fala aos seus contemporâneos, procurando retirar dos acontecimentos aquilo que supõe útil ao esclarecimento da conjuntura política e à causa que defende. Age como político, não como filósofo.

Como pontua BELTRÃO (1980, p.15-16), o jornalismo é um dos fundamentos das relações humanas, respondendo ao espírito da vida social, pois é da nossa natureza a necessidade de nos informar e reunir a maior soma de conhecimentos com o intuito de fortalecer o exame das causas dos fatos e nos prepararmos para a tomada de decisões. A vigência de legislação e pressões contra a liberdade de imprensa, determinante do trabalho jornalístico, obstrui a ação de homens e mulheres de elencar e analisar elementos, a partir da mensagem jornalística, com os quais possam transformar sua própria realidade.

A liberdade de imprensa é um dos cernes do processo democrático, tornando ampla a circulação de idéias e de informação no país, como sublinha JOBIM (1984: 26), e a

ausência dessa conquista, colocada em risco em muitas fases da história contemporânea brasileira, aponta a necessidade de discussões permanentes sobre seu papel no desenvolvimento da nação e da valorização dos direitos à liberdade de expressão sem barreiras ou filtros políticos.

2. JOSÉ LOUZEIRO SOB O FOGO CERRADO DO JORNALISMO

O jornalista José Louzeiro começou na profissão de jornalística aos 16 anos, meio que por acaso, na função de aprendiz de revisor. Na condição de repórter, na companhia do colega Moacir de Barros, uma sina teve início na sua vida: ir a delegacias, conversar com presos, narrar mortes trágicas. Aquele universo ora humano ora perverso instigou no repórter José Louzeiro um tino para as narrativas, contar histórias sobre homens e mulheres e o complexo elo entre o lícito e ilícito, o bem e o mal, a vida e a morte.

Em São Luís, Louzeiro, trabalhou nos jornais *O Combate*, *O Imparcial* e *O Globo*, *Pacotilha*. Ameaçado de morte, no início dos anos 50, mudou-se para o Rio de Janeiro. O jornalista era autor de matérias que revoltaram Vitorino Freire, liderança que dominava o cenário político em São Luís-MA à época. A partida selou outro destino para o garoto, sua mudança para o Rio de Janeiro resultou em uma nova etapa de sua vida jornalística.

Na capital carioca, em 1954, começou uma carreira no jornalismo investigativo com passagens por vários jornais cariocas e paulistas. Na literatura, a estréia ocorreu logo depois em 1958, com o livro de contos *Depois da Luta*.

"Quando criança, eu queria ser motorista de caminhão ou aviador, mas descobri que as aventuras maiores estavam nos livros", contou José Louzeiro em uma entrevista à TV Cultura, de Minas Gerais. Filho de pastor protestante, sua devoção pelos livros começou pela Bíblia, lida em voz alta porque o pai, analfabeto, que não conseguia ler. A leitura Evangelho despertou a vontade de desbravar novos livros, mais outros e mais outros. Ainda na infância, adorava os contos de terror da avó Dorotéia, narrados antes de dormir. Nessas historinhas, os bandidos vinham da floresta para matar e destruir os demais, mas o menino geralmente dormia antes de ouvir o final dos contos. Entretanto, não esqueceu da figura da avó, inspiradora de muitas das suas linhas.

No Rio de Janeiro, fez parte das equipes de redatores da *Revista da Semana*, *O Jornal – dos Diários Associados*, *A Luta Democrática* – de Tenório Cavalcanti, *Diário Carioca*, *Manchete*, *Correio da Manhã* e *Última Hora*. Em São Paulo, trabalhou na *Folha de S. Paulo* e no *Diário do Grande ABC*.

2.1. Reportagens emblemáticas

Durante a ditadura militar, especialmente nos anos 70, o jornalista José Louzeiro abordou as tragédias sociais em suas reportagens, mostrando uma face do Brasil caracterizada pelo tráfico de drogas, a violência sexual e o banditismo, em contraste com a propaganda governamental ufanista do Brasil potência, que ignorava as desigualdades sociais e econômicas.

Durante o governo Médici, o jornalista trabalhou no jornal *Folha de S. Paulo*, quando conviveu com a censura e a falta de liberdade de expressão. Buscou estratégias para burlar o cerco repressivo: duas reportagens suas da editoria de Polícia, casos Aracelli e Camanducaia, foram proibidas e o jornalista então resolveu publicá-las em forma de livros, desencadeando a série de livros-reportagens, a principal característica da produção jornalística de José Louzeiro.

O romance-reportagem ou livro-reportagem foi um gênero inaugurado por José Louzeiro em um período histórico de repressão, censura e autoritarismo. Segundo DANTAS (2002), "o romance-reportagem, climatizado numa ordem antidemocrática, encontrou fôlego para sobreviver e preencher uma lacuna social deixada pelos jornais, revistas, noticiários de TV emudecidos frente aos censores".

A cobertura jornalística do assassinato da menina Aracelli Cabrera dos Santos, estuprada e morta em Vitória-ES, em 1973, transformou-se no livro *Aracelli, meu amor: um anjo a espera da justiça dos homens* (1976), que chegou a ser recolhido sob determinação da censura. Na obra, o jornalista inspirou-se no jornalismo para desbravar a ficção, relatando a morte de Aracelli, o trabalho da polícia, o envolvimento de famílias ricas da cidade e a impunidade (LOUZEIRO, 1976).

Em outra reportagem, em 1973, o Caso Camanducaia, o jornalista se deparou com um crime que chocou o Brasil: na cidade mineira de Camanducaia foram abandonados por

agentes do governo, à própria sorte, crianças e adolescentes, moradores de rua da capital paulista. O horror, denunciado pelos meios de comunicação, não sensibilizou a justiça e o caso foi arquivado. “Fiz três reportagens para começar a série, Cláudio Abramo ficou fascinado, aí a censura reduziu a trinta linhas!”, afirma Louzeiro em entrevista à revista *Caros Amigos*, na edição de agosto de 2002.

A realidade trágica de meninos e meninas de rua, a perplexidade frente à violência e o espírito inquieto do jornalista lapidaram, a partir do caso Camanducaia, uma das suas mais conhecidas obras, *Pixote, Infância dos Mortos (1977)*, livro que deu origem ao filme *Pixote, a lei do mais fraco*, dirigido por Hector Babenco, e contemplado com premiação internacional.

A crônica policial continuou inspirando José Louzeiro, que entrevistou Lúcio Flávio, marginal carioca perseguido pelo esquadrão da morte. Antes de ser morto, o que ocorreu pouco tempo depois do depoimento, Lúcio Flávio, nome verdadeiro, narrou seus assaltos, as brigas com os comparsas e suas fugas. A reportagem deu origem ao livro *Lúcio Flávio, passageiro da agonia*, onde José Louzeiro relatou a vida do assaltante até seus últimos dias (LOUZEIRO, 1981).

2.2. Nas lides do cinema e das telenovelas

Convidado por cineastas por conta da receptividade dos livros-reportagens, o jornalista-escritor José Louzeiro transpôs suas narrativas para as telas das salas de cinema. Foi co-roteirista do filme *Lúcio Flávio, passageiro da agonia*, de 1976. Como roteirista contribuiu em mais dez filmes, entre eles *Pixote*, *O Caso Cláudia* e *O Homem da Capa Preta*, que retratam problemas sociais, intrigas políticas e corrupção, temas recorrentes nos romances-reportagens elaborados pelo jornalista maranhense.

O jornalismo policial, *front* tão caro ao jornalismo brasileiro e que embasou as obras de Louzeiro, continua com fôlego para novas jornadas? O escritor-jornalista lamenta a violência cada vez mais sofisticada e a fragilidade do jornalista diante desse cenário devastador: "Exercer as funções de repórter de polícia passou a ser coisa tão arriscada quanto ser policial, com uma diferença: PMs e detetives têm o direito de andar armados. O jornalista, coitado, movimenta-se por aí desarmado e, muitas vezes, viajando de ônibus ou

de metrô, pois o dinheiro que ganha não dá para comprar o almejado carro", salientou em entrevista à revista *Caros Amigos* em edição de agosto de 2002.

Além do jornalismo, literatura e cinema, Louzeiro levou para a TV sua perspectiva crítica da realidade através das novelas *Olho por Olho*, *Corpo Santo*, *Guerra sem fim* e *Gente Fina*, exibidas pela extinta TV Manchete e TV Globo. Uma de suas novelas, *O Marajá*, foi proibida de ir ao ar pela justiça, pois a trama inspirava-se no caso Fernando Collor-Paulo César Farias e nas denúncias de corrupção envolvendo integrantes do Governo Federal.

2.3 Gregório, elza e eurico

Vislumbrando os jovens leitores, o escritor-jornalista, autor de mais de 40 livros, embrenhou-se pela literatura infanto-juvenil, entre suas obras mais destacadas estão *Praça das Dores* – sobre o massacre de meninos na Candelária, em 1993, *A Hora do Morcego*, *A Gang do Beijo* e *Gugu Mania*. Sua narrativa realista e ágil, sustentada por temas atuais – como cidadania, meio ambiente e educação – cativaram o público juvenil em tramas envolventes onde o ambiente é a escola, a rua ou a casa e nos quais a turma de colegas participa das tramas.

O jornalista José Louzeiro, um dos fundadores do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, abraçou novos desafios sem abandonar os traços jornalísticos: narrar a vida de figuras presentes na história do Brasil e no imaginário da população. Desnudou a trajetória de André Rebouças, engenheiro e abolicionista em *André Rebouças* (1968); a vida de Gregório Fortunato, outro personagem da histórica política brasileira, guarda-costas de Getúlio Vargas, foi contada em *O Anjo da Fidelidade* (2000). Entre as figuras femininas, resgatou em 1997, em *Cantando para não enlouquecer*, as tristezas e vitórias da polêmica cantora Elza Soares, e em 2002 a trajetória heróica de Ana Nery, patrona dos enfermeiros, na obra *Ana Nery: A brasileira que venceu a guerra*. Atualmente debruça-se sobre a vida de Eurico Miranda, presidente do Vasco da Gama, um dos principais times do futebol brasileiro.

Em 2001, rememorou ainda as lembranças dos tempos de redação no livro *Isso não deu no jornal*, coletânea de fatos pitorescos e alegres, vividos nos jornais onde trabalhou no Rio e em São Paulo. Participou também da *Coleção Primeira Página*, da Editora Nova Fronteira, onde coordenou a publicação de uma série de romances policiais. A primeira publicação de Louzeiro na série foi *A fina flor da sedução*.

4. NAS ENTRELINHAS DE FERREIRA GULLAR

Literatura e jornalismo convergem na vida do jornalista e poeta Ferreira Gullar, que fez 76 anos no dia 10 de setembro de 2006. Ele iniciou sua trajetória comunicacional na Rádio Timbira, em 1948, e é essa faceta – pouco conhecida – que vamos nos deter. O Gullar jornalista, mestre dos textos nos jornais e revistas, ora lapidando suas idéias, ora transcrevendo seu olhar em linhas impressas.

Esse operário da notícia, que partiu de São Luís em 1951, quando se recusou a dar uma falsa notícia sobre o assassinato de um trabalhador durante comício de Adhemar de Barros na Praça João Lisboa, perdeu o emprego. Protestou porque não queria atribuir a morte aos adversários “comunistas”, a versão oficial. O devorador de poemas clássicos e parnasianos preferiu a liberdade à camisa-de-força da mentira.

Na capital ludovicense, além de locutor, trabalhou como colaborador do suplemento literário do *Diário de São Luís*. Nos meios impressos, inaugurou sua vida poética com o soneto *O Trabalho*, no jornal *O Combate*, e com esforço pessoal e a ajuda do Centro Cultural Gonçalves Dias, lançou seu primeiro livro de poesias, *Um pouco acima do chão*, em 1949.

O garoto, que um dia achou que todos os poetas estavam mortos, li-os sempre em antologias, que pareciam obituários, se mudou para o bairro da Glória, no Rio. Seu primeiro emprego foi na *Revista do Instituto de Aposentadoria e Pensão do Comércio*. Salário curto, pouco trabalho – a revista era mensal - e a energia de Gullar o levavam até a Cinelândia, onde se deleitava com as revistas estrangeiras na Biblioteca Nacional. O jornalista recordou esses momentos em entrevista ao *Jornal do Brasil* em 1999: "Não queria muito trabalho, não. Eu ganhava muito pouco, mas dava para o gasto. Tinha a minha vaga, meu terno já

ficava em pé de tanto uso e de nunca lava. O marrom já estava queimado de sol e ele estava impregnado de energias, de manhãs e tardes. Eu vestia aquele terno e saía flanando pela cidade", disse em entrevista a Tonico Mercador, do *Jornal do Brasil*, em junho de 1999.

Graças ao conto *Osíris come flores*, foi indicado para a revista *O Cruzeiro*, dos Diários Associados, onde atuou como revisor. No Rio, experimentou novas linguagens, testou diferentes formas de expressão e rompeu com modelos ditados ao publicar, em 1954, o livro *A Luta Corporal* em projeto gráfico inusitado, fazendo com que até os tipógrafos ficassem boquiabertos e rejeitassem suas propostas inovadoras.

Em 1954, casou-se com Thereza Aragão, com quem teve três filhos, Paulo, Marcos e Luciana. E, apesar da união recente, não pensou duas vezes e se demitiu da revista *O Cruzeiro*, quando a empresa publicou uma reedição de *A Luta Corporal* em papel de péssima qualidade. Testemunhando o desprezo pela sua obra, o poeta abandonou a revista após criticar a aberração.

O período de desemprego não durou muito e o jornalista foi convidado a trabalhar na revista *Manchete*, dirigida por Adolpho Bloch. A iniciativa partiu de Otto Lara Resende, apreciador dos poemas de Gullar. Como revisor, o poeta faria parte de um time de peso, no qual estavam Jânio de Freitas, Armando Nogueira e Rubem Braga. Em pouco tempo, virou redator em um episódio que fez Bloch derramar-se pelo brilhante texto de Gullar: Rubem Braga não queria fazer sua crônica do dia e Gullar o substituiu. Bloch entrou na redação, empolgado com o artigo, e Otto Lara Resende esclareceu a autoria, bradando o reconhecimento da obra do poeta de São Luís: "esse rapaz é o maior poeta brasileiro da nova geração".

Testemunhando o casamento da poesia e do neoconcretismo na seara jornalística, Gullar, após passagem pelo *Diário Carioca*, colaborou no ousado "Suplemento Dominical" do *Jornal do Brasil*, de 1956, idealizado pelo poeta Reynaldo Jardim, e embrião do Caderno B, primeiro caderno de variedades da imprensa brasileira. O caderno fez parte da histórica reforma do JB, que introduziu as fotos grandes e a paginação vertical. Congregando temas até então não convencionais – artes, ciências, letras e outros – o suplemento causou furor. Figuravam na equipe, além de Gullar, Augusto e Haroldo dos Santos, Mário Pedrosa e Mário Faustino.

Entretanto, foi ao Jornal *O Estado de São Paulo* que Gullar dedicou mais de 30 anos da sua vida jornalística, quando atuou como copidesque na sucursal carioca. Na mesma época, em 1962, firmou seu engajamento político ao entrar no Centro Popular de Cultura da União Nacional do Estudantes-CPC da União Nacional dos Estudantes-UNE.

Um fato curioso desse período turbulento: dois anos depois, por uma ironia do destino, em 01 de abril de 1964, o poeta filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro, 24 horas após militares tomarem o poder no país, cenário no qual a liberdade de expressão, ingrediente fundamental do jornalismo e da poesia, já estava subjugada sob a ditadura.

3.1. Agonia, jornais alternativos e televisão

Buenos Aires, 1974. Angústia, repulsa e saudades tomaram de assalto Ferreira Gullar, colaborador dos jornais alternativos *O Pasquim* e *Opinião*, com o pseudônimo de Frederico Marques, uma brincadeira com os nomes de Friedrich Engels e Karl Marx. A vida parecia um beco sem saída, o jornalista estava sem passaporte, exilado desde 1971, e não podia deixar a Argentina, qualquer movimentação podia resultar em prisão, deportação ou morte. No Brasil, era procurado pela polícia e lá estavam seus amigos e sua família.

Sozinho e nessa atmosfera sombria, o menino-poeta, um dos fundadores do Grupo Opinião, ao lado de Oduvaldo Vianna Filho, despejou no papel da máquina de escrever uma das suas obras-primas, o *Poema Sujo*. "Eu não tinha para onde ir e achei que tinha que escrever a última coisa. Imaginava que ia vomitar tudo que tinha dentro de mim desordenadamente, criar uma espécie de magma rico de imagens e daí, desta golfada anárquica, extrair o poema real", recordou em entrevista ao jornal *O Globo*, em 2000.

Instantes de esperança, memórias fragmentadas – sua infância e adolescência em São Luís – e sua ânsia pela liberdade misturaram-se em quase cem páginas. "Era o resgate do vivido, da felicidade, num momento em que o presente não era capaz de me dar qualquer esperança. Por isso o problema do tempo, que é muito presente, não como nostalgia da infância e do passado, mas uma tentativa de trazer a experiência de volta como uma coisa presente, viva", afirmou o poeta ao jornal *O Globo*, em 2000, no entanto estava enganado, foram apenas horas que se traduziram em dores e tormentos.

O *Poema Sujo* chegou ao Brasil em 1976, ano no qual foi lançado, nas malas do poeta Vinícius de Moraes. O poema chegou em fitas gravadas, uma forma que Gullar gostava, pois a locução dava vida aos seus versos. O *Poema Sujo* virou símbolo de uma nação ansiosa pela democracia, pelo fim da repressão política.

O jornalista voltou ao país em 10 de março de 1977, no dia seguinte foi preso e levado ao DOI-Codi com as mãos algemadas e olhos vendados. Foi interrogado durante 72 horas e ouviu ameaças a um dos filhos, Paulo. Com o apoio dos amigos foi solto em seguida. Em um contexto de autoritarismo e crise econômica, voltou ao ofício de tecer poemas, contos e novelas. Saíram *Antologia Poética*, *Na Vertigem do Dia*, *A Estranha Vida e Argumentação Contra a Morte da Arte*. Ainda no final dos anos 70, entrou no reduto da produção televisiva. Foi convidado por Dias Gomes a integrar o Grupo de Dramaturgia da Rede Globo, onde trabalhou até o final dos anos 90.

Nessa fase escreveu o especial *Insensato Coração*, episódios para as séries *Aplauso*, *Carga Pesada* e *Obrigada, Doutor*, TV Globo, além de colaborar na novela *Araponga*, com Dias Gomes e Lauro César Muniz, e nas minisséries *As Noivas de Copacabana*, em parceria com Dias Gomes e Marcílio Moraes, *O fim do Mundo* e *Dona Flor e seus dois maridos*. Além da Rede Globo, trabalhou na Rede SescSenac de Televisão, apresentando o programa *Gerações*, a respeito do processo de envelhecimento e da maturidade. Hoje assina uma coluna semanal no caderno Ilustrada da *Folha de São Paulo*.

3.2. Crônicas, memórias e rebeldia

Os últimos 20 anos da vida de Ferreira Gullar estão pontuados pela revalorização do passado, porém sem o descolamento das aspirações presentes. O jornalista relançou, em 1990, 47 crônicas em *A estranha vida banal*, escritas para *O Pasquim* e *Jornal do Brasil*. Oito anos depois, as lutas e as agruras do passado retornaram à cena em *Rabo de foguete - Os anos de exílio*, uma autobiografia dos anos duros do regime militar.

Novamente outras crônicas escritas para o *Jornal do Brasil*, desta vez nos anos 60, ressurgiram em *O menino e o arco-íris*. E outro espaço de memórias é reservado à trajetória poética e jornalística, a obra *Ferreira Gullar - Entre o espanto e o poema*, de George

Moura, lançada em 2001. Gullar não é mais o menino-poeta das ruelas antigas de São Luís, transformou-se em um perfil do Rio e do Brasil no texto de Moura. Sua vida cultural e ação política desembocaram na história do Brasil, onde ambas confundem-se e transformam-se.

Na fase atual, Ferreira Gullar colheu o reconhecimento nacional e internacional, plantado através da rebeldia, das batalhas pessoais e da competência ao manejar a palavra – ora no jornalismo ora na literatura. Foi agraciado com o prêmio Jabuti, em 1999, e o prêmio Multicultural 2000, do jornal *O Estado de São Paulo*. Em 2002, foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura por nove professores de universidades de Brasil, Portugal e Estados Unidos. Nesse mesmo ano, ganhou na Holanda o Prêmio *Príncipe Claus*, destinado aos artistas, escritores e instituições que contribuem para mudar o panorama cultural de seus países. Suas traduções e adaptações de *Don Quixote de la Mancha* e *As mil e uma noites* foram premiadas pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e pela International Board on Books for Young People.

Após reviver suas memórias em momentos pontuais e tragar tantos prêmios, Gullar mergulhou na literatura infantil, a exemplo de *Um gato chamado Gatinho*, 17 poemas sobre seu felino, da coleção infanto-juvenil *O rei que mora no mar*, um poema dos anos 60, e *Urubu e outras fábulas*. Em *O rei que mora no mar* trouxe à tona a lenda maranhense do rei português Dom Sebastião, que teria encarnando em um touro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornalistas Ferreira Gullar e José Louzeiro vivenciaram uma fase política conturbada da história brasileira, representada pelo golpe militar de 1964, disseminador de uma política de pressões e censura contra os meios de comunicação no Brasil até 1985, ora sustentada por uma legislação repressiva ora em ações arbitrárias e ilegais.

Com passagem pelos principais veículos de comunicação, especialmente os jornais do eixo Rio-São Paulo, os dois jornalistas abraçaram a defesa da liberdade de expressão, feito que os fez deixar a terra natal, São Luís, onde sofreram ameaçadas por parte de forças políticas locais na década de 50 – Louzeiro por elaborar matérias contrárias aos interesses do líder político Vitorino Freire e Gullar porque se recusou a ler notícias inverídicas na

Rádio Timbira. A ousadia e o espírito crítico os levaram a buscar novos caminhos fora do Maranhão. Apesar dos riscos, o salto projetou as carreiras dos profissionais em todo o país.

No período escolhido para pesquisar sobre as trajetórias de Louzeiro e Gullar – entre 1964 e 1985 – os repórteres maranhenses estavam trabalhando e enfrentaram a censura, a prisão e as ameaças. Louzeiro, com a atuação marcante no jornalismo policial, realizou a cobertura de fatos que causaram comoção no país ou escandalizaram a sociedade, como o assassinato da menina Aracelli Cabrera e os crimes do assaltante carioca Lúcio Flávio. Sob o peso de um governo autoritário, enfrentou cortes em suas reportagens, teve livros apreendidos e seus filmes, onde foi roteirista, foram censurados. José Louzeiro ousou ao buscar plataformas diferentes para divulgar seu trabalho jornalístico: das páginas impressas saltou para os livros e de lá para as produções cinematográficas.

Outra vertente da atuação jornalística de José Louzeiro é a dedicação às biografias, onde descortinou a vida de personagens polêmicos ou rebeldes, como a cantora Elza Soares, o abolucionista André Rebouças e o guarda-costas de Getúlio Vargas, Gregório Furtunato. As tragédias sociais e a face de atores relegados caracterizaram de forma marcante a produção do autor maranhense na seara jornalística. A vivacidade, a narrativa ágil e a simplicidade de suas obras – especialmente as elaboradas nos anos de ditadura militar – transformam seu trabalho em um exercício de humanidade e de valorização do jornalismo em um contexto de repressão à liberdade de imprensa e de supressão dos direitos individuais.

O jornalista Ferreira Gullar filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro em 01 de abril de 1964, acontecimento que selou sua postura crítica perante o regime militar. Engajou-se no Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes e defendeu a liberdade de imprensa em jornais alternativos, como *Pasquim* e *Opinião*. Colaborou com esses jornais mesmo exilado e migrando por vários países da América do Sul. No retorno ao Brasil, em 1977, foi preso por conta da postura política contrária aos interesses dos grupos que estavam no poder desde a instalação da ditadura. Outra forte contribuição de Ferreira Gullar foi oxigenar a produção cultural brasileira no período do regime militar no movimento concretista, ao lado Amílcar de Castro, Hélio Oiticica, Lygia Clark e outros renomados artistas.

Ferreira Gullar esteve presente em importantes cenas do jornalismo brasileiro. Nos anos 50, trabalhou no *Jornal do Brasil*, durante a reforma gráfica e a criação do suplemento cultural *JB*, marcos do jornalismo contemporâneo brasileiro. Fez parte das redações como redator, revisor ou copidesque de *Manchete*, *O Cruzeiro*, *Diário Carioca* e jornal *O Estado de S. Paulo* na sucursal carioca. Atualmente é cronista aos domingos do jornal *Folha de S. Paulo*.

No final dos anos 70 e início dos anos 80, com a abertura política e a consolidação de novos mercados na área da comunicação, Louzeiro e Gullar colaboram com o cinema e a televisão. A indústria audiovisual expandiu-se e cativou o público brasileiro em um cenário de crise econômica e abertura política. O mercado editorial também se mantém como espaço dos jornalistas maranhenses cujas obras obtém reconhecimento nacional e internacional.

As trajetórias dos jornalistas maranhenses cercam-se de um posicionamento crítico quanto à produção jornalística e a atuação como cidadãos de uma nação sob o manto do autoritarismo. Movidos pela inquietude e a visão crítica da realidade, empunharam as bandeiras da defesa da democracia e da liberdade de expressão, adotando enquanto estratégia um trabalho jornalístico criativo e rebelde, ora acuado pelas forças repressivas ora enfrentando a ditadura. Não deixaram de apostar no jornalismo enquanto campo do debate de idéias e da difusão da informação.

A pesquisa sobre as trajetórias dos comunicadores merece um espaço significativo nos cursos de Comunicação Social por conta do debate sobre os posicionamentos que influenciaram o desenvolvimento da imprensa brasileira: os embates travados, as idéias vencidas ou vencedoras, as inovações que abriram horizontes ou pontuaram retrocessos limitadores. Trata-se de apreender fazeres e saberes sobre a prática jornalística em tempo de democracia ou nos vendavais dos golpes de Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNS, Dom Paulo Evaristo. *Brasil: Nunca Mais*. São Paulo: Editora Vozes, 2003.
- BASTOS, Augusto Sérgio (org). *As melhores crônicas de Ferreira Gullar*. São Paulo: Global Editora, 2005.
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Interpretativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BREGUÊS, Sebastião Geraldo. *A imprensa brasileira após-64. Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro: agosto, 1978.
- DANTAS, Josenilma A. *Aracely, meu amor, infância dos mortos: o elo jornalístico constrói a invenção literária*. 2002. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis.
- FERREIRA GULLAR. *Rabo de Foguete: os anos de exílio*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- _____. *O menino e o arco-íris*. São Paulo: Ática, 2001.
- FERREIRA GULLAR. Site com biografia e bibliografia. Acesso em 18 de agosto de 2005. Disponível em <http://portalliteral.terra.com.br/>
- JOBIM, Danton. *O Espírito do Jornalismo*. São Paulo: Edusp, Com-Arte, 1992.
- _____. Liberdade de Imprensa no Brasil. In: MARQUES DE MELO, José. *Censura e Liberdade de Imprensa*. São Paulo: Com-Arte, 1984.
- LOUZEIRO, José. *Isso não deu no jornal*. Porto Alegre: Editora do Brasil, 2001.
- _____. *Aracelli, meu amor: um anjo a espera da justiça dos homens*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- _____. *Lúcio Flávio: passageiro da agonia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.
- _____. *Biografia e Literatura de José Louzeiro*. Disponível em: <http://www.louzeiro.com.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2005.
- MERCADOR, Tônico. *Entrevista com Ferreira Gullar*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, junho, 1999. Acesso em 20 de agosto de 2005. Disponível em <http://www2.uol.com.br/ferreiragullar/poesia/>
- MOURA, George. *Ferreira Gullar - Entre o espanto e o poema*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

NAME, Daniela. *O jovem Gullar*. O Globo. Rio de Janeiro, 02 set.2000. Acesso em 31 de agosto de 2005. Disponível em <http://www2.uol.com.br/ferreiragullar/sobre/corporeport03.htm>

REVISTA CAROS AMIGOS. *Entrevistado: José Louzeiro*. São Paulo, Disponível em: http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed65/entrevista_jlouzeiro.asp. Acesso em 12 de outubro de 2005.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Mauad, 1999.